



16 de dezembro | 15h00 | Assista à Fast Talk na plataforma multimédia JETv, em [www.jornaleconomico.pt](http://www.jornaleconomico.pt)

## Empresas mais Sustentáveis Desafios estruturais para as empresas

Com Manuel Mota, Partner, Climate Change & Sustainability Services Leader, EY



Em parceria com:



Este suplemento faz parte integrante do Jornal Económico N° 2176 não pode ser vendido separadamente

16 dezembro 2022 Especial | 1



ESPECIAL

# Empresas Mais Sustentáveis

### VERDE RIMA COM OPORTUNIDADE

Banca está cada vez mais atenta à sustentabilidade quando chega a hora de conceder crédito. As empresas estão a apostar cada vez mais sustentabilidade que já nem é um dever, mas sim uma oportunidade. A IKEA está a estudar investir em central solar em Portugal. Empresas e sector financeiro analisam o tema neste especial do JE.

#### CRÉDITO

**Banca atenta à sustentabilidade na hora de dar crédito às empresas** ■ P2

#### ENTREVISTAS

**Filipa Saldanha**  
Diretora do Departamento de Sustentabilidade do Crédito Agrícola  
**Sustentabilidade é um “dever” mas também uma oportunidade** ■ P6



**Manuel Mota**  
Partner, Climate Change & Sustainability Services Leader, EY

**“A oportunidade de se acelerar a transição para uma economia de baixo carbono”** ■ P8



#### FÓRUM

**Os critérios ESG vão definir a atuação da vossa empresa nos próximos anos?** ■ P11

# Especial Empresas Mais Sustentáveis

EDITORIAL

## Premiar quem zela pelo futuro



André Cabrita-Mendes  
Subdirector

É preciso premiar quem zela pelo futuro. E é isso que está a acontecer neste momento. A banca está a facilitar a concessão de crédito às empresas que cumpram os critérios ESG. Mas nem tudo são rosas: a Associação Empresarial Portuguesa (AEP) visa que há um “aperçar” dos critérios de concessão nas empresas, sobretudo em empréstimos de longo prazo, onde vai estar incluída “grande parte da tipologia de investimento associada à transição energética”, nas palavras de Luís Miguel Ribeiro, presidente da AEP, que pode ler nestas páginas. Várias empresas também revelam como estão a apostar mais na sustentabilidade, como o caso do grupo SATA que fez este ano o seu primeiro voo com combustível mais amigo do ambiente ou a GoParity que teve recorde de financiamento de impacto. Já a IKEA revela que está em negociações com a casa-mãe na Suécia para investir numa central solar em Portugal. Já o Plano de Recuperação e Resiliência (PRR) é considerado uma oportunidade para transformar negócios, colocando a sustentabilidade no centro para criar valor a longo prazo. ■



**Plano de Recuperação e Resiliência (PRR) é considerado uma oportunidade para transformar negócios: a caminho da sustentabilidade**



CRÉDITO

# Banca atenta à sustentabilidade na hora de dar crédito às empresas

Os critérios ESG são hoje tidos em conta pela banca na hora de decidir sobre a concessão de empréstimos às empresas. Aquelas que estiverem no caminho da sustentabilidade são beneficiadas.

RITA ATALAIJA  
ratalaia@medianove.com

A sustentabilidade está no topo da agenda do setor financeiro, mas também das empresas portuguesas, numa altura em que a regulamentação europeia sobre riscos

ambientais e climáticos exige uma transformação significativa. Esta questão ganha relevância nomeadamente na obtenção de financiamento bancário e de captação de investimento nos mercados de capitais, com a banca, que tem de cumprir um conjunto de objetivos sustentáveis, a beneficiar os clientes empresariais que já estão no caminho da transição energética.

“Cada vez mais, bancos e investidores institucionais têm que cumprir objetivos de volume de ativos ESG nos seus balanços e fundos de investimento. São públicos os compromissos das várias entidades financeiras do nosso mercado no que respeita à proporção de ativos green, ou ativos com algum tipo de métrica de sustentabilidade, sobre o total do seu balanço”, afirma fonte oficial do Santander Portugal ao Jornal Económico (JE).

Neste sentido, “o cumprimento dos objetivos europeus e nacionais para a neutralidade carbónica irão exigir não apenas um ajustamento,

mas uma transformação substancial da economia, dos modelos de negócio e dos processos produtivos”, refere, por outro lado, Inês Soares, responsável do Gabinete ESG do Novobanco.

A “regulamentação europeia sobre sustentabilidade e riscos ambientais e climáticos exige aos bancos e intermediários financeiros uma transformação significativa, a curto e médio prazo, que têm que passar a integrar os riscos ESG [ambiental, social e governance] no seus modelos de negócio e de gestão de risco, com especial ênfase aos riscos climáticos e ambientais”, refere. Isto, diz, “implica que os modelos de avaliação de risco das empresas e investimentos, o preço do crédito e a remuneração de capitais terá que passar a refletir os efetivos riscos sociais e ambientais (físicos e de transição) a que cada empresa está exposta”.

Para isso, a Caixa Geral de Depósitos tem um sistema de rating ESG de forma a materializar a in-



Cristina Casalinho  
Diretora Executiva de Sustentabilidade do BPI



Inês Soares  
Responsável do Gabinete ESG do Novobanco



tegração destes critérios nos processos de tomada de decisão. “O principal objetivo do *rating* ESG é apoiar as empresas no processo de transição para uma economia mais verde e mais inclusiva, fornecendo *inputs* para melhorarem a sua notação, de modo a reorientarem os fluxos de capital para estratégias de financiamento sustentável, assegurando a maximização de valor para os diversos *stakeholders*”, refere fonte oficial da Caixa.

No Bankinter, é também promovido o “diálogo e o acompanhamento de determinados aspetos que afetem as empresas, nomeadamente estratégias empresariais, desempenho e risco financeiro e não financeiro, estrutura de capital, impacto social, ambiental e de governo corporativo”, diz fonte oficial.

#### “Discriminação positiva” junto das empresas

Estas ferramentas vão ajudar a analisar com mais rigor que entidades estão a apostar na transição energé-

tica. E para estas há benefícios na hora de pedir crédito. “As empresas que iniciarem desde já esta transição de uma forma estruturada terão uma vantagem competitiva, nomeadamente na captação de investimentos e no relacionamento com fornecedores e clientes, e também com o sector financeiro”, afirma Cristina Casalinho, Diretora Executiva de Sustentabilidade do BPI.

“As mudanças nas políticas climáticas, as novas tecnologias e os riscos físicos crescentes levarão a reavaliações de praticamente todos os ativos financeiros. As empresas que alinharem os seus modelos de negócio para a transição para um mundo neutro em carbono serão recompensadas. Aquelas que não se adaptarem não terão espaço no mercado”, nota Inês Soares, responsável do Gabinete ESG do Novobanco.

No Bankinter, há uma política de integração de riscos de sustentabilidade que “aplica através do recurso a estratégias de inclusão,

nomeadamente a de *best in class* e/ou a de *best efforts* (por um lado, opta por empresas que tenham uma melhor classificação ESG e/ou, por outro, naquelas que revelem uma melhor progressão no *rating* ESG) e de exclusão”, explica fonte oficial ao JE.

O mesmo acontece no BPI. O banco “continua a apoiar os bons projetos porque a economia real – e muitos empregos, por exemplo – continua a depender de alguns sectores energéticos. E, dado o contexto económico e geopolítico, seria mais uma agravante aplicar uma penalização aos seus custos financeiros. Não podemos esquecer o fator social neste processo de transição que está a acontecer”, salienta Cristina Casalinho.

Segundo a Diretora Executiva de Sustentabilidade do BPI, “em termos gerais, para operações de curto e médio prazo, onde se coloca também o tema da manutenção de suporte à economia durante a fase de transição, o BPI tem adotado uma estratégia de discriminação positiva, assente na isenção de comissões ou redução de *pricing* para créditos com preocupações ao nível da sustentabilidade”.

Esta discriminação positiva está também presente no mercado de capitais. Há “evidência que os investidores discriminam positivamente as emissões sustentáveis (verdes, sociais ou indexadas a desempenho sustentável), uma vez que os prémios pagos por estas emissões/este financiamento são menores que em operações tradicionais”, salienta ainda a responsável do banco liderado por João Pedro Oliveira e Costa.

#### PME precisam de mais apoio

Estes passos são dados numa altura em que é “crescente a preocupação em dotar a proposta de valor para as empresas com soluções que se enquadrem no compromisso ESG”, afirma a CGD, notando que “beneficiar as empresas que têm preocupações ambientais e sociais na política empresarial em que operam é um propósito já iniciado e que gradualmente será aprofundado em prol de um irrefutável valor comum do bem-estar decorrente do equilíbrio da sociedade com a natureza”.

Mas nem todas as empresas estão a fazer a transição energética ao mesmo ritmo. Enquanto as grandes empresas estão mais avançadas no processo de transição para a sustentabilidade e de descarbonização das operações, as micro, pequenas e médias empresas (PME) precisam de mais apoio. Há “necessidade de métricas e critérios ESG mais consolidados, aprofundados e normalizados”, realça o BPI, que disponibiliza uma linha de financiamento de 500 milhões para empresas com critérios ESG para apoiar na transição verde.

É também necessário apostar numa oferta atrativa nos mercados de crédito. Segundo o Santander, “torna-se estratégica a montagem de operações de financiamento green ou ESG-linked para maximizar o acesso às várias fontes de liquidez disponíveis no mercado”. ■

ENTREVISTA | LUÍS MIGUEL RIBEIRO | Presidente da AEP

## Há critérios mais restritivos no crédito para transição verde

As empresas precisam de financiamento para fazer a transição energética, mas os critérios de concessão estão mais restritivos.

RITA ATALAIA  
ratalaia@medianove.com

O processo de transição energética é fundamental para o reforço da competitividade das empresas, exigindo investimentos significativos. O financiamento bancário, a par do mercado de capitais, ganha, por isso, relevância. No entanto, realça Luís Miguel Ribeiro, presidente da Associação Empresarial de Portugal (AEP), há um “apertar” dos critérios de concessão nas empresas, sobretudo em empréstimos de longo prazo, “onde se incluirá grande parte da tipologia de investimento associada à transição energética”.

#### O tema da sustentabilidade já faz parte das preocupações das empresas?

Sem dúvida que sim. A preocupação das empresas com critérios de sustentabilidade “ESG” está alinhada com os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável da ONU e vai de encontro às exigências colocadas pelos consumidores, que valorizam bens e serviços com impacto positivo no meio ambiente e na sociedade.

#### Qual a importância da sustentabilidade em termos de obtenção de financiamento bancário e de captação de investimento nos mercados de capitais?

Hoje, quando falamos de transição energética não estamos a pensar em algo utópico, para um futuro ainda longínquo, mas antes em algo de carácter imperativo, para ser efetuado a curto prazo. O processo de transição energética é fundamental para o reforço da competitividade das nossas empresas e desejavelmente deve ter condições para que possa ser implementado e consolidado com sucesso pelo tecido empresarial. Por ser uma ambição que requer investimentos significativos, a questão do financiamento é crucial, quer pela via do crédito bancário, quer do mercado de capitais. Importa ainda realçar o importante papel das políticas públicas no estímulo à realização de tais investimentos, nomeadamente pela via do apoio dos fundos europeus.

#### As empresas estão a conseguir obter o financiamento necessário para fazerem a transição energética?

No que diz respeito ao financiamento bancário, os resultados do mais recente inquérito aos bancos sobre o mercado de crédito, divulgados pelo Banco de Portugal, dão conta de critérios de concessão de crédito nas empresas ligeiramente mais restritivos, sobretudo em empréstimos de longo prazo, onde se incluirá grande parte da tipologia de investimento associada à transição energética. Por outro lado, não está ainda em funcionamento o Portugal 2030, que constituirá certamente uma importante fonte para a realização deste tipo de investimento.

#### Cumprindo os critérios ESG, o financiamento é mais vantajoso? Quem não cumprir pode ser penalizado e ter dificuldade em obter crédito?

Cada vez mais, na tomada das decisões de investimento por parte das empresas e, também, da concessão de financiamento por parte das entidades financiadoras, estão incorporadas preocupações por fatores ambientais, sociais e de governança corporativa. Neste âmbito, há uma maior sensibilização da banca em matéria de financiamento sustentável, com vista a financiar as empresas que privilegiem fatores Ambientais, Sociais e de Governance na sua estratégia e/ou nos seus investimentos, o que por sua vez permite criar e partilhar valor para os seus *stakeholders*. ■



Luís Miguel Ribeiro  
Presidente da AEP

ESG

# Empresas mantêm investimentos na sustentabilidade

Grupo SATA fez este ano o seu primeiro voo com combustível mais amigo do ambiente. Tabaqueira investiu 7 milhões em energia solar. GoParity teve recorde de financiamento de impacto.

MARIANA BANDEIRA  
mbandeira@medianove.com

As empresas sabem quais são os critérios de sustentabilidade ambiental, financeira e social que a regulação e a competitividade do mercado lhes exige (a maioria até tem metas de neutralidade carbónica), porém existe um fosso entre as ações de curto prazo e os planos no longo prazo. A conclusão é de um estudo da consultora Capgemini, divulgado esta quarta-feira. O Jornal Económico (JE) foi procurar casos de organizações em Portugal que procuram fugir a esta tendência e agir rapidamente, em diversos sectores (ver páginas 2 e 3 e fórum).

## Voos mais sustentáveis

O grupo SATA considera que o dia 24 de outubro de 2022 ficará para sempre marcado na história da sua companhia aérea Azores Airlines como o “arranque de um novo tempo”. Tempo esse que se vislumbra mais verde, depois de a transportadora ter operado o seu primeiro voo com combustível de aviação sustentável (SAF - Sustainable Aviation Fuel), através de uma parceria com a Galp, Neste e Carlyle Aviation. Ao JE, o diretor de Sustentabilidade da SATA revela que o objetivo para 2023 e para os próximos anos é “introduzir o SAF, progressivamente, em toda a nossa operação regular, o que ocorrerá à medida que o combustível SAF esteja disponível e se estabilize a preços mais compatíveis com os do atual *jet fuel*”.

O trabalho passa também pela mudança de mentalidade dos passageiros, alerta José Francisco Gamboa. “Os viajantes portugueses mostram-se atentos e sensíveis ao tema da sustentabilidade. No entanto, não muito disponíveis quando se trata de contribuir monetariamente para compensar a pegada ambiental associada às suas viagens, através de programas de compensação carbónica, como os

que já se encontram em vigor nas nossas companhias aéreas. Creemos que é uma questão de tempo”.

## Investimento de impacto dispara em 2022

O CEO da plataforma de *crowdfunding* de impacto Goparity concorda: “Por haver uma maior sensibilização e acesso à informação, portugueses e europeus estão cada vez mais cientes de que, como cidadãos, também temos de fazer pelo futuro do planeta e pelas próximas gerações. Claro que por força das circunstâncias, esta sensibilidade levou um «empurrão». Um bom exemplo disto é a energia solar”.

Vamos a números. Em 2022, a

Goparity contabilizou investimentos de 9,7 milhões de euros em projetos sustentáveis, sendo que o total desde 2017 está nos 20,1 milhões de euros. Só este ano, o capital investido foi quase o mesmo que tivemos desde que a empresa foi criada. “Os projetos financiados pela Goparity permitiram evitar a emissão de cerca de 23.500 toneladas de CO2 por ano (equivalente à plantação de mais de um milhão de árvores) e impactaram positivamente cerca de 150 mil pessoas em situações vulneráveis”, destaca Nuno Brito Jorge ao JE. Além disso, geraram uma produção anual de cerca de 13 mil MWh de eletricidade limpa, equivalente ao consumo de 5 mil famílias, e levaram à criação de cinco mil postos de trabalho, por via de financiamento a iniciativas tão disparees quanto a expansão do maior supermercado biológico de Setúbal ou a reflorestação do Quénia.

## Tabaco mais amigo do ambiente

A Tabaqueira, do grupo Philip Morris International (PMI), inaugurou em setembro o seu novo parque solar fotovoltaico na fábrica de Sintra, que resulta de um investimento de 7 milhões de euros. Com uma área superior a 5 mil metros quadrados, este projeto em Albarraque, na freguesia de Rio de Mouro, inseriu-se na transição energética da empresa portuguesa e deverá permitir aumentar a eficiência e produtividade da unidade de produção que fez agora 60 anos.

É como nem só de ambiente vivem o ESG e o tabaco, há uma questão social também por trás. Segundo o relatório de sustentabilidade da dona do Iqos, divulgado há duas semanas, a empresa renovou a certificação em igualdade salarial ao garantir os mesmos ordenados para homens e mulheres que tenham as mesmas funções. Mais: dos 1.300 postos de trabalho em 2021, quatro em cada dez (42%) eram ocupados por mulheres de 33 nacionalidades. ■

“Os viajantes portugueses mostram-se atentos. No entanto, não muito disponíveis quando se trata de contribuir monetariamente para compensar a pegada ambiental”, alerta SATA



ENERGIA

## Ikea estuda investimento em parque solar em Portugal

“Portugal está entre os países da Europa que tem mais sol. Temos estado a trabalhar muito junto do nosso grupo”, disse o CFO ao JE.

MARIANA BANDEIRA  
mbandeira@medianove.com

A Ikea está em negociações com o grupo sueco Ingka para o investimento num parque solar em Portugal, no âmbito da sua estratégia de sustentabilidade e implementação de critérios ESG, disse ao *Jornal Económico* (JE) o *Chief Financial Officer* (CFO) da empresa.

“Temos estado a avaliar as possibilidades de expandir o parque eólico ou expandir para parques solares. Portanto, temos todo interesse. Nós sabemos que Portugal está entre os países da Europa que tem mais sol, está perto do mar. Temos estado a trabalhar muito junto do nosso grupo para fazer um investimento em parques solares. Gostávamos realmente”, disse Ricardo Pereira.

O CFO esclareceu que ainda “nada está fechado”, contudo faz parte do plano de investimentos no médio prazo. “A sustentabilidade dá a confiança de que somos uma empresa responsável, que também se preocupa com aquilo que é uma das maiores preocupações mundiais, além da guerra. A longo prazo, a grande preocupação é sempre a parte da sustentabilidade e das alterações climáticas. Acreditamos que isso dá confiança aos consumidores, às novas gerações, de que esta é uma empresa que se preocupa com a sustentabilidade, com o futuro do planeta”, assinalou ao JE.

A Ikea emprega atualmente

2.800 trabalhadores em Portugal e antecipa a continuação do recrutamento regular, sobretudo para o armazém logístico que está a ser construído em Loures, uma infraestrutura que servirá para encurtar a cadeia de distribuição e deixarem de estar dependentes de outros armazéns, o que também contribuirá para uma operação mais sustentável.

Em 2018, mais precisamente no final de fevereiro desse ano, a Ikea Portugal tornou-se proprietária do parque eólico do Pisco, localizado na zona de Trancoso, pertencente ao distrito da Guarda, na província da Beira Alta. O parque em causa conta com cerca de 25 turbinas, uma capacidade de 50 MW e uma produtividade anual de 156 GW/h, necessárias para alimentar lojas da marca no país.

“Acreditamos que o foco que continuamos a ter na acessibilidade, em continuar a abrir novos estudos de planificação, e em focarmo-nos sempre em quais são as formas de expandir o nosso canal online é a forma de conseguirmos chegar mesmo aqueles clientes que estão longe do nosso mercado, dos nossos grandes centros onde nós temos as nossas grandes lojas”, explica o gestor.

O JE avançou em meados de outubro que as lojas portuguesas da Ikea vão ter uma extensa rede de carregamentos para veículos elétricos, que ultrapassará os 200 carregadores para clientes, sendo que atualmente existem apenas 24. O processo de transição energética na retalhista envolve também os trabalhadores e os fornecedores, portanto os atuais 22 carregadores disponíveis para funcionários vão praticamente duplicar para 42 entre este ano fiscal e o próximo.

“A nossa estratégia continua a ser a mesma: preços baixos, acessibilidade e sustentabilidade. Nós acreditamos que, mantendo este foco, conseguimos captar e chegar a mais clientes, e transmitir a sua confiança naquilo que somos enquanto empresa e cultura. Ahamos que, conseguindo investir nos nossos produtos, em baixar preços, em chegar aos preços mais acessíveis possíveis ao cliente, transpira aquela confiança de que podem vir a Ikea comprar e transformar a sua casa num sítio agradável para estar”, concluiu Ricardo Pereira. ■



Ricardo Pereira  
Chief Financial Officer  
da IKEA Portugal

## Sustentabilidade no centro dos negócios

O que é uma empresa sustentável? As definições têm divergido e as métricas para medir a sustentabilidade variado. Mas esta realidade evoluiu, com um novo quadro regulatório para a comunicação de ESG corporativos a ter efeitos na Europa e em discussão nos EUA.



Maria João Vaz, Sustainability  
Director, Mazars Portugal

Mudanças significativas e abrangentes nas regras de reporte estão a ser introduzidas na Europa através da diretiva de referência da Corporate Sustainability Reporting (CSRD), no globo através do International Sustainability Standards Board (ISSB), e estão a ser discutidas pela Securities and Exchange Commission (SEC) nos EUA.

As empresas serão obrigadas a disponibilizar métricas detalhadas a investidores e outros stakeholders e estas novas disposições, que podem ser desafiantes de implementar, marcam uma mudança decisiva: as empresas serão avaliadas com base no seu desempenho de gestão, num relatório único, com a informação de sustentabilidade e a informação financeira.

Os investidores que avaliam a exposição ao risco e as grandes organizações internacionais que querem influenciar as suas cadeias de valor, definindo objetivos de sustentabilidade, têm aumentado a pressão sobre o tema, afetando empresas de todos os setores e de todas as dimensões, incluindo PME.

No mais recente Barómetro c-suite da Mazars, cerca de metade das empresas inquiridas já tinha assumido compromissos públicos sobre uma série de tópicos ESG. Uma maioria significativa (62%) considerou provável uma transformação na sua estratégia de sustentabilidade no prazo de três a cinco anos e um número ainda mais elevado planeava aumentar o investimento em iniciativas de sustentabilidade a curto prazo. Mais de 90% estavam confiantes de que responderiam a expectativas de governance, éticas e de responsabilidade social.

Os novos requisitos ESG são diferentes em todos os setores. As empresas de consumo, por exemplo, estão a rever as suas cadeias de valor para procurar formas de tornar mais sustentável um vasto leque de operações, desde a logística à embalagem. Nos serviços financeiros, os novos regulamentos aumentam o ónus do cumprimento, que pode ser dispendioso, e a avaliação do risco de ESG nas carteiras é um processo complexo. Apesar dos obstáculos em implementar, há oportunidades de negócio nestes novos requisitos.

A jornada rumo a uma empresa mais sustentável requer não só mudanças operacionais e de reporte, mas também alterações significativas de mentalidade e cultura. É necessária uma liderança empenhada, bem informada e uma execução cuidadosamente planeada para que a sustentabilidade seja integrada numa estratégia de negócio mais ampla.

As recompensas são múltiplas. Incluem poupanças de custos a partir de uma menor pegada ambiental, motivação das equipas e uma vantagem competitiva potencialmente importante para liderar a transformação. Como resultado, os primeiros operadores serão capazes de atrair os melhores talentos, reduzir os riscos de negócio e construir cadeias de valor mais sólidas.

Este novo desafio será uma oportunidade para enriquecer o mercado com novas valências e a nova equipa de Sustainability da Mazars sabe o caminho que tem pela frente: ajudar os atuais e os futuros clientes a posicionarem as suas empresas de forma a serem melhores para o Mundo. A Sustentabilidade é um imperativo das empresas e faz parte de uma visão comprometida. É uma missão e um propósito, não pode ser uma obrigação.

com o apoio **mazars**

com o apoio



Cristina Bernardo

## CRÉDITO AGRÍCOLA

# Sustentabilidade é um “dever” mas também uma oportunidade

O banco liderado por Licínio Pina vê nas políticas de sustentabilidade uma oportunidade para contribuir para a resolução de problemas sociais e ambientais, mas também uma oportunidade para crescer.

FILIPE ALVES

falves@medianove.com

A gestão dos riscos climáticos e sociais é agora parte integrante do negócio dos bancos, considera a nova diretora do Departamento de Sustentabilidade do Crédito Agrícola. É uma realidade que obriga os bancos a readaptarem os seus modelos de negócio com vista a responderem às necessidades dos seus clientes. E que, além disso, traz oportunidades de crescimento para os bancos, considera Filipa Saldanha.

“É num contexto de incerteza constante, mas também de urgência, que a gestão de riscos climáticos e sociais passou a integrar a equação do negócio bancário, multiplicando a rapidez e complexidade das decisões a tomar, mas elevando também o propósito do sistema financeiro”, defende a responsável, que iniciou funções no Crédito Agrícola no mês passado, vinda da Fundação Gulbenkian, onde era responsável pelos projetos da instituição na área da sustentabilidade.

O sector financeiro tem, “indubitavelmente, um papel ímpar na transição desejável”, defende Filipa Saldanha. Ao influenciar directamente as apostas dos agentes económicos, a banca tem a “capacidade e o dever de reorientar recursos financeiros para uma economia mais verde e inclusiva”, elevando o capital para níveis capazes de assegurar uma transição energética e climática justa, sublinha a respon-

sável do Crédito Agrícola.

“E é neste propósito que assenta o sentido de comunidade, inclusão e sustentabilidade, no qual o caminho para o sucesso depende de um olhar atento sobre os factores de vulnerabilidade da sociedade portuguesa e sobre as tendências que possam representar oportunidades de negócio promissoras”, diz.

Para tal, o Crédito Agrícola aposta em instrumentos como soluções financeiras - microcréditos, linhas de crédito ou obrigações - que permitam responder aos desafios da sociedade e fomentar o crescimento sustentável. Aposta ainda no investimento em capital de risco em áreas como energias limpas, *agritech* e economia social, para além de internamente haver uma preocupação crescente com a diversidade e a inclusão como formas de incentivar a meritocracia, entre outras iniciativas, garante.

**O Crédito Agrícola aposta em soluções financeiras como microcréditos, linhas de crédito e obrigações, para fomentar o crescimento sustentável**

## Banco tem “potencial diferenciador” na área da sustentabilidade

Filipa Saldanha defende que o Crédito Agrícola - que além da Caixa Central conta com 72 Caixas regionais associadas -, pela sua natureza de mutualista e presença em localidades em todo o território nacional está particularmente bem apetrechado para desempenhar um papel crucial nesta área.

“O Grupo Crédito Agrícola, movido por valores cooperativos, tem no seu ADN o potencial diferenciador de estabelecer relações de confiança e proximidade com as comunidades locais”, afirma, notando que pode envolvê-las na identificação dos desafios de cada região, sejam estes “agudizados por dinâmicas demográficas, como o envelhecimento da população, ou socioeconómicas como a pobreza energética ou as desigualdades de rendimentos”.

“Tem igualmente a oportunidade de identificar motores de crescimento sustentável, nos quais não deixará de destacar o valor do talento, da tecnologia e do capital natural existente em Portugal”, acrescenta.

Licenciada em Economia pela Texas A&M University Corpus Christi, Filipa Saldanha iniciou a sua carreira no Harte Research Institute, participando em projetos ligados à área ambiental. Antes de ingressar no Crédito Agrícola, passou pela Fundação Calouste Gulbenkian como directora-adjunta do Programa Gulbenkian Desenvolvimento Sustentável. ■

## OPINIÃO

## Como pode um tema inerentemente inter-geracional ser considerado uma moda, que é inerentemente passageira?



Pedro Mota

Manager EY Portugal Climate Change and Sustainability Services

### A sustentabilidade é a nova moda nas empresas

Temos ouvido que a sustentabilidade (e o ambiente) são a nova moda. Mas qual era a antiga? A tecnologia? A digitalização? A qualidade? A contabilidade?

Rapidamente nos apercebemos que nestes discursos sobre sustentabilidade há uma ligação (ou um conflito) entre uma perceção pessoal do tema e uma inundação de afirmações externas sobre os benefícios de sustentabilidade de produtos e serviços.

Como em todas as transformações, nunca existe apenas um motor para a mudança. Embora com diferentes termos e linguagens, temos observado os Estados, os gestores de capital privado e a sociedade civil a exigir às empresas uma maior integração de sustentabilidade no seu negócio.

### Estratégias de sustentabilidade VS Integração de sustentabilidade na estratégia

Mais do que criar estratégias de sustentabilidade alinhadas com os ODS, a criação de valor a longo-prazo passa pela integração de sustentabilidade no negócio. Isto significa passar a gerir melhor e de forma mais integrada os aspectos Ambientais, Sociais e de Governance que:

- Influenciam a atividade da empresa (e dessa forma, se traduzem de algum modo em impacto financeiro) ou,
- Impactam a sociedade e ambiente na sequência da atividade da empresa.

Estas linhas gerais também vertidas no conceito da (dupla) materialidade da Diretiva sobre o Reporte de Sustentabilidade Corporativa (CSRD)aju-

dam-nos a perceber que integrar sustentabilidade não significa ser excelente a gerir todos os temas dentro da grande esfera da sustentabilidade com o mesmo nível de atenção e exigência, porque nem todos apresentam o mesmo potencial de geração de impacte.

As empresas têm de ser cada vez mais focadas nos temas que são realmente relevantes, considerando a tipologia de operações que realiza e o contexto (geográfico, local, social, etc.) onde se enquadram.

Isto determina que se tenha muitas vezes de fazer escolhas entre o bom e o bom, com comparações, por vezes difíceis, entre temas avaliados e valorizados de forma totalmente distinta.

Como farol de ação as organizações devem apostar numa estratégia única que sirva simultaneamente os propósitos de guiar a visão geral e ambição para gestão de topo, bem como, de descodificar os desafios operacionais associados à gestão dos aspetos ESG - onde cada um assume um papel claro e bem definido a desempenhar, e enquadrado num caminho inter-geracional coletivo, que é incerto, mas que veio para ficar. ■



**As organizações devem apostar numa estratégia única que sirva simultaneamente os propósitos de guiar a visão geral e ambição para gestão de topo**



# Na iServices a Economia Circular é uma realidade desde 2011

Num contexto em que as empresas procuram adotar práticas mais amigas do ambiente, há casos como o da iServices, que centra a sua missão e modus operandi na preservação ambiental e na defesa de uma economia circular.

No remate de 2022, a discussão das alterações climáticas tornou-se mais do que inevitável. Começamos já a sentir os primeiros efeitos dos danos provados no meio ambiente ao longo das últimas décadas, ou mesmo séculos. Portugal, por exemplo, foi alvo de uma seca severa, e o planeta continua a registar recordes de temperaturas máximas. A este ponto, as empresas devem reinventar-se, e procurar novas formas de atuar, tendo em consideração o meio ambiente.

Nesta revolução ecológica, a própria Economia tem vindo a adaptar-se, com a chegada de uma nova forma de consumir. A Economia Circular veio (re)introduzir o princípio de dar novos fins ou novas continuidades a bens que já não servem o seu propósito a um determinado consumidor, mas que podem ser úteis a outros. No ramo da Tecnologia, o mercado de Recondicionados surgiu, e o das Reparações tem vindo a reafirmar-se.

A iServices, por exemplo, dedica-se há mais de 11 anos no setor da Reparação Multimarca de smartphones, computadores e outros equipamentos eletrónicos. A empresa é, na verdade, o líder no seu setor em Portugal. Apple, Samsung, Xiaomi, Huawei, Oppo ou OnePlus são apenas algumas das marcas que podem ser reparadas nas cerca de 40 lojas por todo o país e não só. A iServices abriu este ano as duas primeiras lojas no estrangeiro. Trata-se assim de um projeto ambicioso de internacionalização da marca, de forma a projetar o bom exemplo nacional além fronteiras.

A empresa fundada por Bruno Borges tem como missão contribuir verdadeiramente para o desenvolvimento de uma economia circular, nomeadamente através da sua oferta de Recondicionados Apple. Na iServices, MacBooks, iPads, Apple Watches e iPhones Recondi-

cionados têm 3 Anos de Garantia, permitindo, além de uma segunda vida aos equipamentos, um novo e longo ciclo de utilização. São equipamentos em excelente estado, testados em dezenas de parâmetros de qualidade, para que possa desfrutar de um equipamento praticamente como novo.

Os números recentes da Agência Francesa para a Transição Ecológica dão conta de um smartphone recondicionado poupa 175g de lixo eletrónico e 258 kg de matérias-primas. A mesma entidade avança que um novo smartphone gera cerca de 199g de lixo eletrónico, enquanto um telefone recondicionado gera apenas 24g, ou seja, menos 88%. A adicionar à equação, cada smartphone novo pressupõe danos provenientes de extração de matéria prima, seja por meio de perfurações no solo do planeta, seja pela libertação de dióxido de carbono.

Outras estatísticas foram dadas pelo Fórum de Desperdício Elétrico e Eletrónico no passado dia 14, celebrando o Dia do e-Waste. Estima-se que cerca de 5,3 mil milhões dos 16 mil milhões de smartphones e telemóveis pertencentes à população mundial serão descartados até ao final deste ano, seja acumulando-os em casa ou efetivamente deitando-os ao lixo. Considerando que cada um destes equipamentos tem uma espessura média de 99mm, seria possível empilhar uma torre com 50 mil quilómetros de altura, um oitavo da distância entre a Terra e a Lua.

Os serviços abrangentes de reparação multimarca em qualquer loja iServices permite prolongar a vida dos seus equipamentos eletrónicos, com intervenções levadas a cabo por técnicos experientes, que devolvem a performance original do seu dispositivo na hora; um

esforço em prolongar a vida de dispositivos que de outra acabariam convertidos em lixo eletrónico. Seja qual for a avaria do seu smartphone ou computador, a iServices resolve: problemas de bateria, avarias na câmara, ecrãs partidos, danos líquidos, problemas de rede ou com entradas de conexão. Os técnicos iServices estarão sempre a postos a reparar qualquer avaria em poucos minutos e com garantia!

## UM MUNDO DE OPORTUNIDADES!

O ano de 2022 fica marcado na iServices como o início de um ambicioso projeto de expansão internacional. Após a abertura do primeiro espaço em Tenerife, a iServices abriu recentemente portas no Centro Comercial Alisios, em Las Palmas. A decisão de abertura em territórios insulares prende-se com a procura de serviços de reparação rápidos, que não deixem os consumidores à espera de chegada de peças essenciais para os seus equipamentos, consolidando o mote de “reparação na hora” que tem marcado a insígnia desde a sua fundação. Espanha é apenas a primeira paragem de muitas outras viagens a iServices para lá das fronteiras internacionais. Mais que uma referência nacional, a iServices procura elevar o standard do setor a nível internacional, servindo consumidores por todo o mundo com um serviço premium, e reforçando a missão de trazer práticas de consumo mais sustentáveis.

ENTREVISTA | **MANUEL MOTA** | Partner, Climate Change & Sustainability Services Leader da EY

# “A oportunidade de se acelerar a transição para uma economia de baixo carbono”

Manuel Mota, partner da EY, considera que o Plano de Recuperação e Resiliência é uma oportunidade para transformar negócios, colocando a sustentabilidade no centro e criar valor a longo prazo.

**ALMERINDA ROMEIRA**  
aromeira@medianove.com

A EY criou em 2019 a NextWave, uma estratégia orientada para o propósito e ambição de criar valor de longo prazo para clientes, pessoas e sociedade. E tem usado a estratégia para catalisar a sua própria agenda de transformação. Manuel Mota, Climate Change & Sustainability Services Leader da EY, considera fundamental que as organizações invistam na temática e adianta que as PME começam a estar cada vez mais recetivas ao tema. Nesta entrevista, destaca o papel chave que o Plano de Recuperação e Resiliência (PRR) pode desempenhar visando acelerar a transição para uma “economia de baixo carbono, resiliente, e ciente na gestão dos recursos naturais, socialmente justa e inclusiva”.

## Qual o nível de familiaridade das empresas portuguesas com os critérios ESG? O que dizem os vossos estudos?

Atualmente em Portugal existem algumas organizações a incorporar aspetos ESG (environmental, social e governance), nas suas estratégias e na forma como se posicionam no mercado – com grande incidência nas grandes organizações-, contudo ainda é comum alguma confusão nos termos associados à sustentabilidade.

De acordo com o nosso mais recente estudo “EY Global Corporate Reporting Survey”, que tem como base um inquérito que analisa a opinião de 1.040 diretores financeiros e outros altos responsáveis financeiros, e de 320 investidores institucionais de todo o mundo, existe ainda um gap entre o entendimento da ação e a divulgação necessária em matéria de sustentabilidade por parte das or-

ganizações, face ao que são as expectativas de investidores. Neste documento, é possível perceber que mais de três quartos dos investidores (78%) dizem que as organizações devem investir em melhorias relacionadas com questões ESG, mesmo que afetem os seus lucros a curto prazo, no entanto apenas 55% dos líderes empresariais têm a mesma opinião. O estudo reforça ainda que as organizações continuam muito focadas naquilo que dizem ser a pressão a curto prazo por parte dos investidores, enquanto os investidores defendem não conseguir identificar uma visão clara sobre a estratégia de crescimento a longo prazo das organizações.

Considerando o nosso estudo e o contexto nacional, conseguimos de imediato transpor os resultados para a realidade do mercado português. Porém, face às pressões re-

gulatórias que existem e uma sociedade gradualmente mais exigente, torna-se fundamental que as organizações invistam na proximidade a este tema. Cada vez mais, um grupo alargado de stakeholders esperam a normalização, comparabilidade e consistência nas divulgações de aspetos ESG de uma empresa, como parte do seu relatório corporativo.

## O tecido empresarial português maioritariamente composto por PME está recetivo à necessidade desta mudança de paradigma?

Naturalmente, as grandes organizações acabam por estar mais preparadas para antecipar a mudança de paradigma e se adaptarem. No entanto, sentimos que as PME, algumas por força das circunstâncias da sua cadeia de valor e do contexto regulatório, começam a estar cada vez mais recetivas e atentas. Muitas reconhecem que existe uma vantagem competitiva, porém, deparam-se com falta de capacidade interna, seja de recursos humanos, conhecimentos ou disponibilidade financeira, para efetivamente alavancar estes temas na organização.

Em tempos de mudança, as organizações para serem bem-sucedidas, devem identificar as áreas onde existe maior potencial de criação de valor a longo-prazo, e definir a forma de monitorizar o desempenho e demonstrar o impacto dos aspetos ESG, incluindo aspetos intangíveis que até recentemente não eram medidos, comunicados e considerados de forma equiparável ao desempenho financeiro.

**Que papel pode desempenhar o PRR no desenvolvimento de uma economia de baixo carbono em Portugal?**



Considerando as três dimensões do PRR português – o Plano de Recuperação e Resiliência: Resiliência, Transição Climática e Transição Digital, bem como, as metas nacionais e internacionais estabelecidas, seja pelo Roteiro para a Neutralidade Carbónica 2050 ou pelo Acordo de Paris; Este programa configura a oportunidade de se acelerar a transição para uma economia de baixo carbono, resiliente, e ciente na gestão dos recursos naturais, socialmente justa e inclusiva. E, onde todas as organizações poderão tornar-se em agentes ativos, recorrendo às linhas de financiamento para transformar os seus negócios, colocando a sustentabilidade no centro e criando valor a longo prazo.

**A conjuntura atual marcada pela alta taxa de inflação e a subida dos juros, tem impacto na implementação dos critérios ESG pelas empresas?**

O sucesso continua a depender da procura incessante pela criação de valor, pelo crescimento e pela eficiência de custos. A perspetiva de geração de valor a longo-prazo continua a distinguir as organizações líderes.

Apesar da conjuntura atual, que naturalmente impacta as opções estratégicas a vários níveis, as organizações que mantiverem o foco no valor que entregam aos seus stakeholders numa perspetiva de longo prazo, estarão mais capazes no mercado, e criarão, sem dúvida, uma vantagem competitiva; porque há um interesse crescente dos investidores e demais stakeholders no não-financeiro, com a divulgação de informação ambiental, social e de governance a contribuir cada vez mais para a tomada de decisão de investimento ou estabelecimento de relação com determinada organização. A análise dos aspetos ESG vem trazer uma dimensão adicional à revisão e ava-



**Em tempos de mudança, as organizações para serem bem-sucedidas, devem identificar as áreas onde existe maior potencial de criação de valor a longo-prazo**



Foto: Credia

## DISTINÇÃO

# Dona do Fitness Hut recebe prémio no Parlamento Europeu

Empresa foi distinguida como “European Sport & Healthy Company”, devido à sua política de sustentabilidade social.

**TOMÁS GONÇALVES PEREIRA**  
tpereira@medianove.com

O grupo VivaGym, que detém os ginásios Fitness Hut, recebeu na semana passada o prémio “European Sport & Healthy Company”, que reconhece o trabalho realizado em prol dos seus clientes e funcionários. Este prémio, atribuído no Parlamento Europeu, visa distinguir as ações que o grupo tomou com o propósito de “promover a atividade física e a saúde” nos seus colaboradores, com recurso a atividades desportivas no local de trabalho, programas de nutrição e de apoio à saúde física e mental, segundo uma nota divulgada pelo VivaGym.

O galardão é atribuído desde 2016, quando a Associação das Capitais Europeias do Desporto (ACES) e a Organização Internacional dos Gestores de Capital Humano (DCH) chegaram a acordo para que fossem atribuídas as distinções. O contemplado foi decidido após avaliação de um comité dos European Healthy Companies Award, composto por membros da Aces Europe, DCH e especialistas da AON e Mindgram.

O CEO do grupo VivaGym, Juan Del Rio, esteve presente na cerimónia no Parlamento Europeu e deixou claro que “receber o reconhecimento pelo trabalho na área de cuidados e saúde das nossas equipas através de políticas de exercício físico e bem-estar que o VivaGym Group exerce é magnifi-

co”, em declarações citadas no mesmo comunicado.

A distinção pressupõe uma melhoria por parte da empresa, das iniciativas já em prática, ao longo dos próximos três anos, com objetivos “realistas e mensuráveis”. Após este período será feita uma nova avaliação, de forma a aferir o progresso adicional neste âmbito.

O grupo VivaGym posiciona-se no sector dos ginásios low cost e conta com uma centena de estabelecimentos na Península Ibérica, dos quais 43 ficam em Portugal e contam com tecnologias como HIIT, Box ou TOS (Third Open Studio). Para o próximo ano, está planeada uma aceleração no ritmo de aberturas, tendo em vista alcançar uma média anual de 20 novos clubes. ■

**O galardão é atribuído por iniciativa da Associação das Capitais Europeias do Desporto e a Organização Internacional dos Gestores de Capital Humano**

liação de organizações e ativos, na medida em que estes aspetos ajudam a identificar novas oportunidades e a gerir riscos de investimento a longo prazo, evitando, em última análise, casos de mau desempenho resultante de práticas ESG pouco sustentadas que são um risco e podem influenciar resultados.

**As práticas de sustentabilidade têm estado muito circunscritas à dimensão ambiental, 2023 será o ano em que a componente Social da sustentabilidade vem ao de cima e se torna uma prioridade estratégica para as empresas na Europa e no mundo?**

Naturalmente que varia de acordo com maturidade das organizações, há de facto maior foco na componente ambiental da sustentabilidade - talvez pela fácil tangibilização das ações vs resultados, e pela

emergência climática decorrente dos eventos extremos a que temos assistido decorrentes do aquecimento global-, mas a relevância da dimensão “Social” tem vindo a ganhar expressão. E sinal de que estamos perante um momento em que a dimensão social vai entrar na agenda das organizações, é a publicação da Taxonomia Social, em fevereiro deste ano.

**Qual tem sido o papel da EY para o despertar da nova consciência mundial que se está a construir em torno do paradigma da sustentabilidade?**

Na EY, acreditamos que quando as organizações alinham os seus objetivos com os da sociedade são mais valiosas e viáveis a longo prazo. Iniciámos essa jornada em 2018 com o Projeto Embankment for Inclusive Capitalism (EPIC), uma iniciativa que tinha como objetivo redefinir e medir como as organi-

zações criam valor. Em 2019, criámos o NextWave, a nossa estratégia orientada para o propósito e ambição de criar valor de longo prazo para clientes, pessoas e sociedade. Esta estratégia tem sido usada para catalisar a nossa própria agenda de transformação.

A EY tem demonstrado uma forte capacidade de acompanhamento do mercado e atualização face aos temas que afetam as organizações dos vários setores, antecipando desafios e oportunidades para os nossos clientes. E esse é o nosso “modus operandi”. Crescemos em cada um dos nossos clientes e fortalecemos relações de confiança, conferindo-lhes as ferramentas necessárias para que possam criar o máximo valor a longo prazo e dar a melhor resposta ao mercado, garantindo um desenvolvimento sustentável dos seus negócios e promovendo impacte positivo para os seus stakeholders, a sociedade e o ambiente. ■



Reuters



JE TALKS

# “É no somatório de gestos pequenos que se faz a diferença”

Na jornada da sustentabilidade não existem empresas imunes aos desafios estruturais, mas as fabricantes tecnológicas encaram novas exigências. Mudança não parte, mas também depende, dos consumidores, alertam especialistas.

JOÃO SANTOS COSTA  
jcosta@medianove.com

As empresas encaram alguns desafios na hora de incorporar os critérios de sustentabilidade nos modelos de negócio, mas a transformação que se exige em tempo recorde deve partir de dentro para fora e ir além da cadeia de produção. As considerações partem do consultor para a área da sustentabilidade, Gabriel Londe Medeiros, que se juntou à diretora de marketing e comunicação da iServices, Vânia Guerreiro, na mais recente JE Talks.

O especialista avisa que as empresas, em particular as pequenas e médias, têm “uma grande dificuldade em incorporar os critérios ESG (*Environmental, Social & Governance*) naquilo que é o seu *core business*”. Medeiros explica que para realizar esta transição para uma nova economia, que se quer circular, é também um desafio profundo - que se torna tanto mais complexo quanto mais pequena for a empresa.

Contudo, há exceções. E essas, por norma, nascem a partir dos próprios desafios da sustentabilidade. A iServices, empresa especializada na reparação e recondicionamento de *smartphones*, crê ser uma dessas exceções. “O princípio pelo qual foi fundada foi um princípio de minimizar o impacto e a pegada ecológica que cada um de nós, todos os dias, tem no ambiente”, explica Vânia Guerreiro. A diretora de marketing e comunicação da empresa salienta que “qualquer pessoa que tenha tecnologia à sua volta é geradora e criadora de uma pegada ecológica associada a essa utilização”.

Mas se o destino final de um qualquer produto ou serviço é o consumidor, sublinham os dois convidados da JE Talks, a sustentabilidade deve partir do princípio.

“A sustentabilidade precisa de estar desenvolvida desde o início”, garante Gabriel Londe Medeiros. As empresas que o queiram fazer, podem acelerar a transição, mas há que “pensar em todos os departamentos” e dar início à transformação internamen-

**“A sustentabilidade precisa de estar desenvolvida desde o início e há que pensar em todos os departamentos da empresa”, garante Gabriel Londe Medeiros**



Assista na JETV,  
a plataforma multimédia  
do Jornal Económico

te. Isto é, “ter os engenheiros a conversar com o sector financeiro, o comercial a conversar com o marketing”, para que essa ligação e transformação “aconteça em todas as áreas da empresa, de forma transversal”.

“O produto final de toda essa interação interna vai ser o que esperamos de um produto mais sustentável”, reforça o especialista, que considera que o *greenwashing* também está muito presente nas estratégias de marketing, com aquilo que classifica de “um uso excessivo” e por vezes desonesto de termos como ‘eco’, ‘sustentável’, ‘green’, etc.

Contudo, diz “nos produtos é fácil”, nos serviços... Nem tanto.

Já Vânia Guerreiro recorda que todos os pontos importam, “desde a escolha dos fornecedores à garantia da forma como é feita a deposição dos componentes e peças” e dá o exemplo de quando a iServices retirou uma mísera folha de plástico transparente de certas embalagens e a trocou por um desenho do produto. Um gesto pequeno, é certo, mas que re-

sultou numa redução significativa do plástico em circulação pela marca.

“É no somatório de pequenos gestos que se faz a diferença”, sublinha, sem esquecer que “outra área de negócio importante é a comercialização” - um segmento que ainda anda, por vezes, à boleia das decisões regulatórias.

Mas o caminho, garante a mesma, deve começar ainda mais cedo e, no caso das fabricantes tecnológicas, os desafios vão além da sustentabilidade. “Falar de sustentabilidade, nalguns casos, implica falar de direitos humanos”, recorda Vânia Guerreiro.

“Um *smartphone* para chegar ao mercado e estar à venda gera, só para a sua produção, cerca de 200 gramas de lixo eletrónico, sem contar com a extração [de minerais]”, diz. A isto, soma-se a obsolescência programada, que Gabriel Londe Medeiros considera “uma prática muito presente nas áreas mais tecnológicas”. Mas, sobre essa, virão novas diretivas e decisões por parte da União Europeia, já no próximo ano. ■

## FÓRUM

# Empresas portuguesas assumem compromisso da sustentabilidade

A sustentabilidade constrói-se no dia-a-dia e a cada dia que passa. O JE foi conhecer as estratégias de empresas e organizações e conta-lhe o que estão a fazer nas áreas ESG - ambiental, social e governance. **ALMERINDA ROMEIRA**

## 1. Em que medida os critérios ESG vão definir a atuação da vossa empresa nos próximos anos?



**SOFIA REIS JORGE**  
Administradora do Grupo Altri para a Sustentabilidade, Risco, Comunicação, Pessoas e Talento

Os critérios ESG já definem, há alguns anos, a atuação do Grupo Altri. Desde 2020, estão identificados os principais objetivos de sustentabilidade para o Grupo, alinhados com os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) das Nações Unidas, que permitiram a definição das metas para o "Compromisso 2030" da Altri. Deu-se particular destaque a sete dos ODS, tendo sido estabelecidas 12 metas que assumem lugar central na tomada de decisão em todos os projetos.

A Altri está focada em alcançar essas metas que passam pela proteção da floresta, origem da matéria-prima de base do Grupo Altri, atuando no sentido da promoção e conservação da biodiversidade.

Ao mesmo tempo, trabalha-se continuamente no sentido de reduzir as emissões de gases com efeito de estufa, quer através da redução do consumo de energia, bem como da utilização de fontes de energia renovável e da melhoria da eficiência dos processos produtivos, nas três unidades de industriais. Simultaneamente, está a ser realizado um esforço de reduzir de forma expressiva o uso de água, sendo a Celbi já uma referência a nível mundial neste indicador.

É realizado um acompanhamento constante das metas definidas, assistindo-se a uma evolução positiva em praticamente todas elas desde a sua definição. Considera-se a evolução positiva das metas uma grande oportunidade, pelo impacto positivo na pegada ambiental do Grupo, mas também pelo impacto económico que tem, posicionando a Altri num local confortável para aproveitar as oportunidades desta nova economia, que não valoriza apenas os fatores económicos.

Entre as oportunidades identificadas está a possibilidade da construção de uma nova unidade industrial, para a produção de fibras têxteis sustentáveis, na Galiza. É um projeto estruturante para a indústria, quer a nível da bioeconomia e da circularidade, quer ao nível de gestão energética e da utilização de recursos naturais, utilizando tecnologia de ponta, sobre o qual será anunciada a decisão final de investimento na primeira metade do próximo ano.

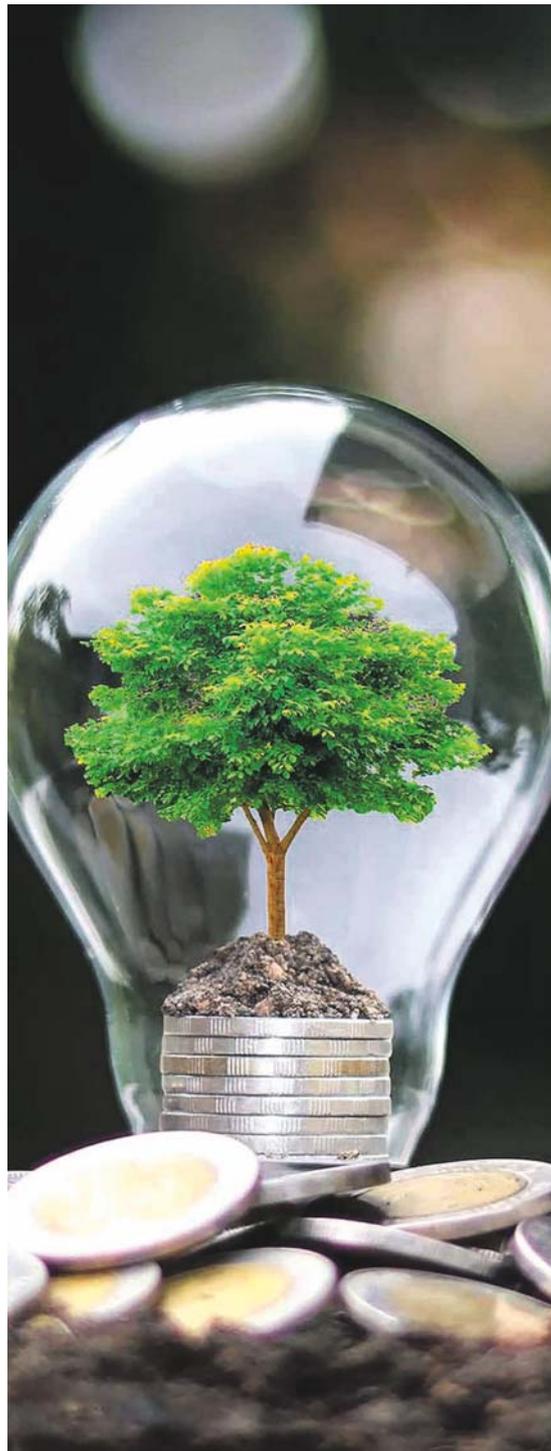


**CARLOS JESUS**  
Country Manager da Colt Portugal e VP Global Service Delivery da Colt

A Colt considera que enquanto empresa é responsável por abordar as alterações climáticas e tornar o mundo num lugar melhor, reduzindo as emissões de gases poluentes e ajudando os seus clientes na sua jornada de sustentabilidade. O nosso impacto não pode ser subestimado e é por isso que a sustentabilidade é um pilar fundamental da nossa estratégia. Já estamos a trabalhar nisto há vários anos, assumindo plena responsabilidade pelas nossas emissões e estabelecendo objetivos claros no Grupo Colt nestas matérias. A Colt tem várias iniciativas centrais a nível do ESG: Comunidade, Governação, Inclusão & Diversidade, e Sustentabilidade Ambiental.

Obtivemos recentemente a classificação Gold do principal fornecedor mundial de classificações de sustentabilidade, a EcoVadis, pelo nosso desempenho ambiental, social e de governação (ESG) e uma classificação B pela Carbon Disclosure Project (CDP) para o desempenho ambiental da empresa. A longo prazo, a estratégia da Colt é criar uma rede "lean", verde e modular, através da qual a otimização será contínua. A nossa estratégia de redução das emissões de carbono é conjunta, reunindo a Colt e a COLT DCS. Estamos focados na redução interna do carbono em todas as nossas operações e serviços. Nesse sentido, medimos e divulgamos o nosso impacto climático e reduzimo-lo.

Queremos alcançar uma redução do carbono de 47% até 2030 para cumprirmos a ambiciosa meta de limitar o aumento da temperatura a 1,5 graus. Passaremos a usar 75% de eletricidade renovável nas nossas instalações em todo o mundo até 2023. Estamos também a descarbonizar a nossa frota automóvel interna através da eletrificação, e comprometemo-nos com termos 75% da frota totalmente elétrica até 2030 - meta provisória de 38% da frota até 2025. Iremos igualmente reduzir em 93% as emissões da cadeia de abastecimento, garantindo que os nossos principais fornecedores até 2025 em termos de emissões de GEE estão alinhados com a meta de



limitar o aumento das temperaturas a 1,5 graus. Continuamos a adotar tecnologias energeticamente eficientes para transformarmos a nossa rede e os centros de dados e para melhorarmos a nossa eficiência energética, reduzindo as emissões em 28%.



**JOSÉ PIMENTA DA GAMA**  
Managing partner da McKinsey & Company Portugal e Espanha

Hoje em dia, as dimensões ESG são reconhecidas como fundamentais para a criação de valor e desempenho das empresas – por exemplo, a valorização nos mercados de capitais de fundos compostos por empresas líderes em ESG superaram o resto do mercado em 1% a 1,6% por ano na Europa e APAC nos últimos cinco anos.

A inclusão consciente de dimensões ESG na estratégia das empresas tem impacto positivo na atração de investimento (crescente importância do perfil ESG na alocação de capital dos investidores), de talento (70% dos Gen Z dizem ser mais provável trabalharem para empresas com uma estratégia assente em ESG), e de clientes (50% dos consumidores dizem estar dispostos a pagar um premium por marcas e produtos sustentáveis e alinhados com os seus valores). Ao integrar considerações ESG na estratégia e sua execução, as empresas conseguem também identificar e gerir riscos e oportunidades que não são identificados com análises meramente financeiras, assegurando que os negócios são sustentáveis e com impacto positivo numa perspectiva mais abrangente. Esta visão "holística" tem em conta impactos financeiros, sociais, ambientais, nos consumidores, colaboradores, entre outros.

Apesar de a grande maioria das empresas já estar envolvida numa jornada ESG, é imperativo que as empresas tenham esta visão e ambição mais abrangente para conseguirmos, país, empresas e sociedade, promover o crescimento sustentável e inclusivo.



**SÓNIA CARDOSO**  
Diretora  
de Sustentabilidade da Sonae

As pessoas e o planeta são prioridades estratégicas da Sonae. Por isso, desde cedo assumimos compromissos públicos em matéria de sustentabilidade e criámos "roadmaps" para melhorar continuamente o nosso desempenho. Por exemplo, desenvolvemos Planos para a Igualdade de Género, com metas desafiantes para a liderança no feminino, e anunciamos o compromisso de neutralidade carbónica em 2040, antecipando em dez anos a meta definida pela União Europeia, e estabelecendo um objetivo intermédio de, até 2030, reduzir em 54% as emissões próprias face a 2018. Estes compromissos estão inclusive refletidos na nossa gestão financeira: temos contratualizadas operações de financiamento com enquadramento sustentável, "Green" ou "ESG Linked", de mais de mil milhões de euros. Este valor representa mais de 60% das linhas de financiamento de médio e longo prazo das empresas consolidadas integralmente pela Sonae, entre linhas utilizadas e disponíveis, sendo que na holding este valor já superou os 90%. O trabalho que desenvolvemos tem sido reconhecido com vários prémios e distinções a nível nacional e internacional, onde se incluem o "rating" de liderança atribuído pelo CDP ou a inclusão no Bloomberg Gender Index, os quais demonstram a seriedade, transparência e alinhamento da Sonae com as boas práticas ESG e expectativas dos investidores. Conscientes do nosso papel na sociedade, além de implementarmos internamente as melhores práticas de sustentabilidade, procuramos também disseminar e incentivar essas boas práticas junto dos nossos principais stakeholders. Um dos exemplos desta proatividade de atuação é a criação de uma solução de "confirming" com base em critérios ESG, pioneira na Ibéria, que permite aos fornecedores beneficiarem de condições financeiras mais vantajosas em função do cumprimento de critérios de sustentabilidade. A parceria inovadora estabelecida com o Banco Santander Portugal permite aos fornecedores do Grupo Sonae abrangidos por este acordo anteciparem os seus recebimentos com condições vantajosas, tendo em conta o desempenho em indicadores ambientais, sociais e de governo corporativo. Acreditamos que através desta atuação integrada, a Sonae está a contribuir para os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável das Nações Unidas e para o nosso propósito de criar hoje um amanhã melhor, para todos.



**PEDRO FRAGA**  
Fundador  
e CEO da F3M

Seria muito fácil responder que não terão influência, pois é algo presente na empresa há vários anos, mas não seria totalmente real. É factual que há preocupações que são presença constante na F3M desde a sua fundação, em 1987, mas também é factual que o aumento da perceção de vários dos "temas ESG" por parte do board da empresa e, fundamentalmente, dos seus colaboradores, tem feito com que a nossa postura seja hoje muito mais ativa. Instituímos uma cultura "eco-friendly" e temos vindo a promover a sustentabilidade ambiental com ações concretas. É importante termos colaboradores que se envolvam e sintam que a empresa revela genuína preocupação com o ambiente e as pessoas. Reconhecendo que a nossa atividade (software e serviços na área das TIC) não é das que deixa uma maior pegada ecológica, tal não nos deve inibir de um trabalho contínuo a esse nível, pois os nossos colaboradores e clientes

podem, cada um à sua medida, melhorar. O nosso envolvimento com o Pacto de Mobilidade Empresarial de Braga levou-nos a definir um conjunto de KPIs, que monitorizamos e nos permitem melhorar em termos de conservação ambiental. Na F3M, sempre nos preocupámos com a sociedade, sendo a responsabilidade social uma das nossas principais bandeiras de atuação. Temos investido em ações que procuram promover um mundo mais justo e equitativo. Voluntariado, atribuição de incentivos aos colaboradores são exemplos do que fazemos e queremos continuar a fazer. Só pessoas fortemente envolvidas com a organização e tratadas com profundo respeito (para nós valor supremo numa organização), podem ser "contribuintes ativos". Muitos anos consecutivos como uma das melhores empresas para trabalhar em Portugal mostram-nos que os caminhos do respeito, aposta na diversidade, inserção na comunidade, proximidade entre administração e colaboradores, cumprimento da legislação laboral garantem que, mais do que negócio e criação de emprego, deixamos algo de positivo para a sociedade.



**FRANCO CARUSO**  
Diretor de Sustentabilidade  
e Comunicação da Brisa

No desenvolvimento do plano estratégico para o ciclo 2021-2025, a Brisa definiu uma nova aspiração para o seu negócio, que implicou o redesenho e evolução da estrutura organizacional. Esta mudança contempla vários objetivos para os três pilares ESG que impactam diretamente com a atividade da Brisa e visam também assegurar o alinhamento com essas metas em todos os processos e na cadeia de valor. Na vertente ambiental, a Brisa instituiu três grandes objetivos; reduzir em 60% as emissões de carbono até 2030 e ser Carbono Zero até 2045; aumentar a recuperação e regeneração da biodiversidade e dos ecossistemas; e implementar a economia circular a 100% nas compras e fornecimentos até 2030. Ao nível da paridade de género, a Brisa quer ter 30% das posições de liderança assumidas por mulheres e duplicar o número de mulheres em posições de gestão de primeira linha até 2025. A inclusão social é determinante

para erradicar a pobreza e garantir igualdade de oportunidades e, neste sentido, a Brisa tem um programa que apoia dezenas de organizações não governamentais e instituições de cariz social de várias áreas e pontos do país. Na Brisa, a área de ESG é uma responsabilidade assegurada pelo presidente da Comissão Executiva (CE), partilhada com os restantes membros da CE, tendo todos objetivos ESG no seu modelo de avaliação. O conselho de administração também acompanha o percurso da empresa nestes temas e, desde 2021, existe um comité ESG onde têm assento três membros da comissão executiva, três peritos representantes dos acionistas e um conjunto de dirigentes das várias áreas e unidades de negócio do grupo. A Brisa tem ainda uma direção no centro corporativo dedicada à sustentabilidade, que abrange todas as unidades de negócio.

# ESTAMOS CÁ POR UM BEM MAIOR

Não há melhor retorno que o investimento feito nas pessoas e no ambiente. Por isso, aplicamos o nosso dinheiro na proximidade, na interajuda, no desenvolvimento social e na sustentabilidade.

**Acreditamos que não é o dinheiro que faz girar o mundo, mas sim o bem que se pode fazer com ele.**

PUBLICIDADE 10/2022



#SustentabilidadeCA

Para mais informações:  
creditoagricola.pt |    

Caixa Central – Caixa Central de Crédito Agrícola Mútuo,  
CRL registada junto do Banco de Portugal sob o nº 9000



**Crédito Agrícola**

O Banco nacional  
com pronúncia local

Desde 1911



**SOFIA SANTOS**  
Professora no ISEG e Sustainability  
Champion in Chief na Systemic

Os critérios ESG constituem hoje fatores essenciais à gestão de qualquer empresa, e cada vez mais relevantes para os fundos de investimento, bancos, seguradoras e investidores em geral.

O clima é hoje reconhecido pelos bancos centrais como um fator de risco financeiro, tendo o Banco Central Europeu esta semana identificado o clima como um dos três pilares prioritários para os supervisores, chamando assim a importância para a necessidade de os bancos identificarem a sua exposição aos riscos climáticos físicos e de transição.

O Comité de Basileia também já identificou, em 2021, a existência de canais de transmissão entre os riscos climáticos físicos e de transição, e os impactos que estes poderão ter a nível micro e macroeconómico. Por sua vez, estes impactos micro e macro podem influenciar dos riscos de crédito, de mercado, de liquidez e operacional, que, por sua vez podem ter impactos financeiros. Tudo isto levará ao surgimento de toda uma nova teoria monetária e macroeconómica que levará ao desenvolvimento de investigação e estudos sobre a incorporação dos riscos climáticos na política monetária, e como é que estes riscos podem ser transmitidos à economia e ao setor financeiro. De lembrar que a Swiss Re lançou um estudo em que argumenta, com estimativas, que a subida da temperatura leva a uma diminuição do PIB, o que poderá indicar que também a temperatura poderá vir a ser uma variável para mensurar o valor gerado no país.

A nível microeconómico, o conceito de dupla materialidade poderá vir a substituir o conceito de externalidades, o que também levará também ao desenvolvimento de novos modelos onde as variáveis ambientais, éticas e sociais passam também a fazer parte da função de maximização de produção das empresas e de utilidade dos consumidores.

É por tudo isto que no ISEG os temas ESG e de sustentabilidade vão estar cada vez mais presentes, de forma integrada nas várias áreas de ensino e de investigação. Falar de ESG implica falar de clima, energia, biodiversidade, água, pobreza, igualdade do género, paz, educação entre outros temas. Falar de ESG e Sustentabilidade implica acima de tudo incorporar estas novas variáveis nos modelos micro e macroeconómicos, nos modelos de valorização financeira e nos modelos de desenvolvimento económico. Uma oportunidade de inovar na investigação e na sua aplicação e, acima de tudo, uma imensa oportunidade para formar e capacitar jovens de licenciatura e executivos em todos estes temas.



**JOÃO LÉ**  
Administrador  
Executivo da Navigator

O mundo está em mudança acelerada e a construção de um futuro mais sustentável e, portanto, mais justo e mais inclusivo, representa um dos maiores desafios da nossa história. Na The Navigator Company acreditamos que as empresas são um contribuinte fundamental para este desígnio coletivo, através da criação de valor e crescimento sustentáveis.

A sustentabilidade faz parte do ADN do nosso negócio e encontra-se espelhada no Propósito Corporativo: "São as pessoas, a sua qualidade de vida e o futuro do planeta que nos inspiram e nos movem."

Esta ambição de criar um impacto positivo nas Pessoas e no Planeta, levou-nos ao desenho da Agenda de Gestão Responsável 2030 da Navigator. Construída ao longo de cerca de dois anos em colaboração de cerca de 550 stakeholders, endereça os temas mais relevantes para futuro da empresa nesta década, em alinhamento com os ODS das Nações Unidas.

Esta Agenda tem um foco central - Um Negócio Responsável - e três eixos estratégicos de atuação: pela Natureza, pelo Clima e pela Sociedade, com 15 compromissos e objetivos concretos a atingir no horizonte 2030: o Roteiro 2030 da Navigator.

Esta nossa Agenda impulsionou o lançamento de uma nova linha de produtos de "packaging", através da nova marca gKraft, com o objetivo de contribuir para acelerar a transição do uso do plástico para a utilização de fibras naturais, sustentáveis, recicláveis e biodegradáveis, assumindo assim, e uma vez mais, o seu compromisso com a sustentabilidade e com a preservação do ambiente.

A terminar, recordo que a Navigator foi a primeira empresa portuguesa, e uma das primeiras a nível mundial, a definir o ambicioso compromisso de antecipar em 15 anos a neutralidade carbónica dos seus complexos industriais, um objetivo para o qual alocou um investimento de mais de 200 milhões de euros, parte dos quais já executado.



**JOANA OOM DE SOUSA**  
Diretora de Sustentabilidade  
da Sovena

Qualquer empresa que queira criar um propósito e uma estratégia de crescimento sustentável deverá colocar os critérios ESG no topo das suas prioridades. Presentes na Sovena desde a sua origem, estes critérios irão continuar a fazer parte da aposta da empresa nos próximos anos.

O nosso propósito "Feeding Futures for a planet that prospers and for people that thrive" leva-nos a uma procura constante de fazer melhor.

Atualizamos a nossa estratégia ESG a cada três anos de forma a garantir um alinhamento das nossas prioridades com as dos nossos stakeholders. A estratégia definida em 2021 apresenta objetivos concretos e compromissos ambiciosos ao longo de toda a cadeia de valor, e é no caminho da sua concretização que visamos alavancar a sustentabilidade dentro da empresa.

No que respeita ao ambiente, a Sovena está comprometida com os seus objetivos de descarbonização, através da transição energética para fontes renováveis, reduzindo a pegada carbónica e os custos de produção ao longo de toda a cadeia de valor.

A proteção da biodiversidade, o consumo eficiente de água e a promoção de uma economia circular são também algumas das principais apostas da empresa. Temos aderido a um conjunto de iniciativas como o BCSO Portugal, o GRACE, The New Plastics Economy Global Commitment, o Act4nature, o Unidos Contra o Desperdício ou o Pacto para Gestão da Água, que nos apoiam na aceleração da transição para um mundo mais sustentável. O "S" é central no ESG. A concretização nos nossos objetivos não é possível sem as pessoas.

Temos, neste âmbito, uma estratégia clara e uma aposta forte no que respeita às pessoas, sejam os colaboradores, as comunidades locais, fornecedores, clientes e consumidores. A nível interno, investimos na formação dos nossos colaboradores, bem como na promoção do seu bem-estar e conciliação da vida pessoal e familiar. Em Portugal, iniciámos o processo de certificação da Sovena como empresa familiarmente responsável (efr), que esperamos ver reconhecido já no final do ano.

Depois de 100 anos de crescimento, estaremos cá para alimentar os próximos 100.





Shutterstock



**CARLA SAMPAIO**  
Head of Sustainability  
da Greenvolt

O grupo Greenvolt atua no sector das energias renováveis, em diversos segmentos, com a ambição de ser pioneiro na transição energética. Geramos energia a partir de biomassa de base residual, com externalidades positivas para o meio ambiente, mas também a partir do vento e do sol, tanto em projetos de grande escala como com soluções descentralizadas, através de autoconsumo individual, coletivo e do conceito de comunidades de energia.

Com quase 500 colaboradores, distribuídos por 12 geografias, e com um contexto económico e social onde questões como a independência e a segurança energética estão no topo das preocupações de todos, o grupo Greenvolt não tem dúvidas: o crescimento da empresa será ainda mais rápido no futuro, com os critérios ESG a nortear a sua atuação e o seu planeamento estratégico de longo prazo.

Além de trabalhar ativamente na redução da própria pegada de carbono, almejando a neutralidade carbónica na geração, trabalhamos no sentido de ter um papel ativo no combate às alterações climáticas utilizando o know how das nossas equipas para ajudarmos, de uma forma justa e democrática, outras empresas e famílias a darem esse passo rumo a um futuro mais sustentável.

Reconhecemos que este caminho de excelência só se faz com pessoas, e que os melhores resultados só são possíveis com equipas diversas, motivadas e comprometidas. É por isso que, numa empresa defensora da igualdade de oportunidades, onde todas as perspetivas são valorizadas, procuramos atrair indivíduos com talento, experiência e potencial, oferecendo um ambiente de trabalho positivo e saudável, assegurando, ao mesmo tempo, o tão importante equilíbrio entre a vida profissional e pessoal. É o seu talento que tem permitido ao grupo Greenvolt um crescimento e expansão assinaláveis em poucos meses de atividade.

Este caminho, com que nos comprometemos aquando da entrada no mercado de capitais, é aquele que temos seguido. É aquele que prosseguiremos a um ritmo cada vez mais acelerado, mas financeiramente sustentado, assente em princípios de gestão e conduta responsável, tendo em conta a crescente consciência para a necessidade de acelerar a implementação de energia a partir de fontes renováveis.



**FILIPA SALDANHA**  
Directora  
de Sustentabilidade do Grupo CA

A sustentabilidade tem sido enraizada na estratégia preconizada pelo Crédito Agrícola e está espelhada na visão assumida desde 2019 de se tornar referência em sustentabilidade, inclusão e inovação no sector financeiro nacional. A este propósito, a nossa Política de Sustentabilidade, que se orienta em torno de princípios e compromissos capazes de reforçar a atuação enquanto instituição financeira inclusiva, sustentável, responsável, próxima e de confiança, pretende funcionar como um farol da tomada de decisão, seja no desenho de novos produtos financeiros, na gestão de risco de financiamentos e investimentos, na selecção de fornecedores, nas acções desenvolvidas ao nível da gestão interna e na gestão do talento. Os critérios ESG estão assim a ser geridos de forma transversal e multidisciplinar, em linha com a consciencialização de que a sustentabilidade tem de ser incorporada nas diferentes frentes de actuação: negócio, capital humano e relação com a sociedade. No caso particular da oferta, o Crédito Agrícola tem hoje disponível um conjunto de produtos financeiros sustentáveis (p.e. ecocrédito, crédito ao ensino assim como linhas de crédito para a descarbonização, economia circular e energias renováveis) mas queremos ser mais ambiciosos para acelerar a tão urgente transformação da nossa economia. Assim, o robustecimento da oferta de produtos financeiros ESG será um dos focos mais estruturantes nos próximos anos, a par da promoção de uma cultura interna informada, diversa, inclusiva e mobilizada nesta missão "maior".



**SÉRGIO PINTADO**  
CMO  
da Cash Converters

A Cash Converters temos um objetivo claro: mudar os hábitos de consumo para alcançar um mundo mais sustentável. Por esta razão, o nosso plano estratégico e a nossa Política de Responsabilidade Social estão integrados. Para fazer cumprir o nosso compromisso com a sustentabilidade, utilizamos critérios de ESG e englobamos as iniciativas que levamos a cabo nos três pilares da sigla.

Especificamente, no que diz respeito ao pilar ambiental, temos diversas acções a nível externo e interno. A nível externo, lideramos o Movimento Converters, que não só engloba todas as iniciativas que realizamos do ponto de vista da sustentabilidade ambiental, como visa também multiplicar o nosso

impacto através de parcerias estratégicas com outras empresas. Internamente, por outro lado, realizamos diversas acções destinadas a sensibilizar e divulgar informação sobre este tipo de questões e temos, nomeadamente, uma Ecotribe responsável pelo lançamento de novas iniciativas nesta área, com um espaço de eco-advice mensal. Além disso, todos os anos, na semana do Dia Mundial do Ambiente, celebramos a Semana do Ambiente, durante a qual convidamos figuras relevantes a partilhar boas práticas conosco, aprofundamos conceitos novos ou que não nos são tão familiares e realizamos uma acção conjunta de recolha de resíduos - este ano limpámos uma praia, por exemplo. Estas acções são orientadas pelos objetivos de desenvolvimento sustentável 11, 12, 13 e 17. No que diz respeito ao pilar social, todas as nossas iniciativas são organizadas no âmbito do programa SmilingPeople, que por sua vez contém diferentes programas focados em aspetos específicos. Sucintamente, promovemos ambientes de trabalho saudáveis, positivos, inclusivos e respeitosos e estamos determinados a fazer da nossa empresa o melhor local para trabalhar. Assim, procuramos ter um impacto positivo nos nossos colaboradores, mas também na sociedade em geral. A nível prático, temos, por exemplo, um programa Corporate Wellness - o LifeConverters - que promove hábitos saudáveis entre os nossos colaboradores e desenvolvemos diferentes acções destinadas a promover a igualdade e a inclusão ao abrigo do lema Diversidade & Integração. Neste sentido, temos um Plano de Igualdade que reúne 98 medidas para garantir a igualdade de género na nossa organização e realizamos regularmente atividades que nos aproximam da diversidade funcional. Além disso, e como não poderia deixar de ser, damos especial importância à segurança no trabalho. Com estas acções acabamos por promover os objetivos de desenvolvimento sustentável 3, 5, 8 e 10. Finalmente, no pilar de Governança Corporativa, podemos falar do BeConverters, ou seja, da nossa essência e cultura. Aqui é possível situar a nossa política de cumprimento, valores corporativos e princípios operacionais tais como os nossos protocolos sobre assédio moral, sexual e assédio baseado no género ou orientação sexual, mas também a nossa política de comunicação transparente e bidirecional. Através das acções que temos, conseguimos ter um impacto positivo nos ODS 8 e 17. Finalmente, ressaltamos ainda que, aquando do encerramento de todos os meses, definimos objetivos não financeiros que nos ajudam a medir o impacto do nosso propósito. Com esta e as anteriores acções que vamos dinamizando ao longo dos anos, acreditamos que estamos a impactar positivamente o meio ambiente e a preservá-lo para as gerações futuras.



## Dizem que já não é possível voltar atrás. E o Santander, o que diz?

O Santander diz que é preciso fazer escolhas. E a nossa escolha é seguir em frente na construção de um futuro mais sustentável. Por isso, escolhemos financiar 220 mil milhões de euros até 2030, para ajudar a transição energética das empresas em todo o mundo. Escolhemos alcançar as zero emissões líquidas de carbono até 2050. Também escolhemos ajudar a diminuir a exploração de recursos não renováveis, eliminando a exposição do Grupo Santander à mineração de carvão térmico. Porque nós não somos apenas aquilo em que acreditamos. Somos o que fazemos com isso. **Somos as escolhas que fazemos.**

Saiba mais em [santander.pt/escolhas](https://santander.pt/escolhas)

Banco Santander Totta, S.A.

